

JORNALISMO EM QUADRINHOS: DE PALESTINA À REVISTA BADARÓ

Jessé FERREIRA ¹

Rosane STEINBRENNER ²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de contextualizar o Jornalismo em História em Quadrinho (JHQ) trazendo como referências centrais a obra “Palestina”, do maltês radicado nos Estados Unidos, Joe Sacco, considerada a reportagem inaugural em quadrinhos, bem como a Revista Badaró, produzida por um grupo jornalístico independente que se coloca como o primeiro veículo brasileiro focado na produção de jornalismo em quadrinhos. Para isso, será feito um breve histórico da história dos quadrinhos, e usaremos o conceito de arte sequencial (EISNER, 2010) e justaposição gráfica (McCLOUD, 1995) para definir a linguagem e estilística dos quadrinhos; será utilizado como trabalho norteador a primeira monografia brasileira publicada sobre o jornalismo em quadrinhos de Palestina, de Antônio Aristides Dutra (DUTRA, 2003), enfatizando a dupla legibilidade gráfico-textual do gênero jornalismo em quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: Joe Sacco; Revista Badaró; Jornalismo em quadrinhos no Brasil.

¹ Graduando em Comunicação Social- Jornalismo (FACOM/UFPA). E-mail: esse.fjornal@gmail.com

² Professora Associada Faculdade de Comunicação, docente permanente Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) – Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: steinbrenner@ufpa.br; nani.steinbrenner@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A relação entre jornalismo e quadrinhos sempre foi de proximidade, bastava ver as charges e tirinhas nos jornais diários e nos suplementos dominicais do início do século XX, que popularizaram as tiras policiais e de ficção científica como Flash Gordon, Fantasma, Mandrake e muitos outros a partir do fim dos anos 1930. Contudo, levaria algumas décadas para que as tiras de humor dessem lugar às histórias mais elaboradas e críticas, como as *graphic novels* de Will Eisner no fim dos anos 1970, ou as obras de Frank Miller e Alan Moore, lançadas nos Estados Unidos em meados dos anos 1980, tornando a década célebre por apresentar histórias que entrariam para o cânone da nona arte. Os quadrinhos, desde então, passaram da categoria de “história de criança” para a de obras dignas de reconhecimento da crítica literária, como a premiada *Maus*³, compreendidas como um veículo de “construção de memória” (SILVEIRA e HUF, 2021), além de configurar uma nova alternativa para a narrativa jornalística, isto é, uma narrativa jornalística “gráfico-sequencial” (EISNER, 2010).

A união mais específica e direta entre o texto jornalístico e os elementos gráficos dos quadrinhos foi chamada de “jornalismo em história em quadrinhos” (JHQ), usado pela primeira vez em 1993 para definir a obra *Palestina*⁴, uma reportagem em quadrinhos, do jornalista maltês Joe Sacco, considerado o precursor e uma referência no campo, tendo lançado várias reportagens na forma de história em quadrinhos.

A possibilidade híbrida de utilizar a linguagem quadrinhística para dar forma à redação jornalística foi bem explorada na obra de Sacco, desde a composição dos quadros e uso de balões de diálogo na página, própria dos quadrinhos, até o processo de apuração, pesquisa, entrevista e, por fim, a escrita, etapas que compõem a práxis do jornalista. O JHQ vem se tornando de grande importância também para os estudos da comunicação e do jornalismo, ao apresentar uma via alternativa ao formato impresso, fugindo das estruturas convencionais do texto e das limitações estilísticas do *lead*, sem negligenciar os pilares da atividade jornalística.

Dentre as várias possibilidades de análise existentes no cenário do jornalismo em quadrinhos no Brasil, o presente artigo focará na *Revista Badaró*, um grupo jornalístico independente que tem “o objetivo de ser o primeiro veículo brasileiro focado na produção de

³ Maus ganhou o prestigioso prêmio jornalístico Pulitzer, em 1992. Foi o único quadrinho a receber o prêmio fora de seu gênero até hoje.

⁴ Usaremos itálico para as obras em quadrinhos neste artigo.

jornalismo em quadrinhos” (BADARÓ, 2019) por sua variedade temática, contextualizando o JHQ brasileiro em relação à obra de Joe Sacco. Os conceitos de arte sequencial (EISNER, 2010) e justaposição gráfica (McCLOUD, 1995) definirão a linguagem e estilística dos quadrinhos, e utilizaremos também como trabalho norteador a primeira monografia brasileira publicada sobre o jornalismo em quadrinhos de *Palestina*, de Antônio Aristides Corrêa Dutra (DUTRA, 2003), obra que contribuiu para o conhecimento de Joe Sacco no cenário nacional.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS – O INÍCIO

A relação entre jornalismo e quadrinhos é bastante antiga, e, a partir do século XV, tornou-se praticamente indivisível. A invenção da imprensa, como afirma Scott McCloud, foi um evento “tão marcante na história dos quadrinhos quanto na história da palavra escrita” (McCLOUD, 1995, p. 22), pois seria o veículo para difusão dos folhetins e das tiras (embriões dos quadrinhos).

Alguns pesquisadores apontam também obras como a Tapeçaria de Bayeux (século XI), com sua proto-narrativa em imagem e a obra do suíço Rodolphe Töpffer como os primeiros materiais a conter alguns dos elementos componentes da linguagem quadrinhística, que são a narrativa gráfica linear e a demarcação por quadros para identificar as cenas da história.

Em 1820, Töpffer publicou o livro *Les amour de Monsieur Vieux-bois*, obra lançada para o público europeu que possuía sequências narrativas e textos nas bordas dos painéis, ainda sem apresentar diálogos. Apesar da ausência de balões de fala, pesquisas recentes têm atribuído à obra o título de “primeira história em quadrinhos do mundo”. O sucesso das tiras fez com que fosse publicada duas décadas mais tarde, em 1842, no jornal nova-iorquino “Brother Jonathan” (DANTON, 2022, p. 15).

É sabido que os primeiros quadrinhos foram lançados em tiras de humor em suplementos de jornais semanais estadunidenses, que tinham grande apelo entre uma parcela da população, em sua maioria imigrantes iletrados sem domínio da língua inglesa, e serviam como uma “alfabetização visual” para estes. Estas tiras possuíam poucos balões de diálogos, ou sequer nenhum, e eram desenhadas para servirem de entretenimento rápido e cômico, de forma que, no início, essa era a característica que definia os quadrinhos da época. Como aponta Joaquim Fonseca, as tiras

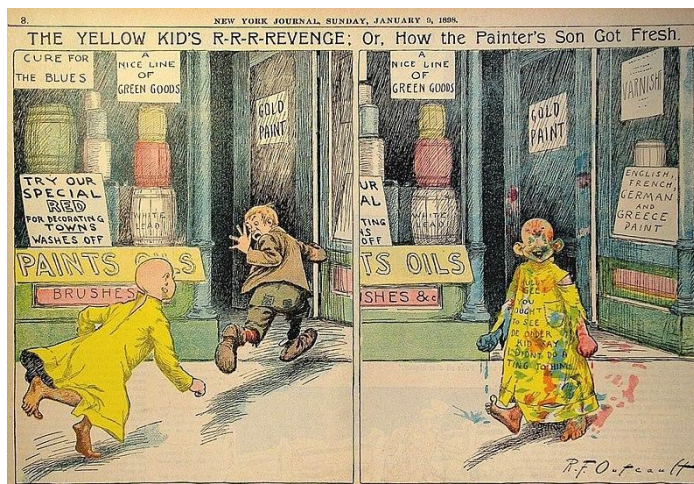
originalmente chamadas de "funnies" (literalmente, coisas divertidas), começaram aparecendo nos suplementos dominicais dos jornais e usando figuras grotescas desenhadas de uma forma cômica. Elas mantiveram a comicidade como conteúdo e forma até cerca de 1930, quando passaram a adotar também temas mais sérios, dramáticos e realistas (FONSECA, 1990, p. 19).

Um desses semanais era o *New York World*, jornal do magnata da imprensa, Joseph Pulitzer, que tinha um suplemento cômico colorido. E foi nas páginas deste suplemento que o desenhista Richard F. Outcault criou o personagem que mudaria a história dos quadrinhos e dos jornais. Em 1896, Outcault apresenta as histórias de *The Yellow Kid* (do inglês, Menino Amarelo), publicado sob o título *At the Circus in Hogan's Alley* (do inglês, No circo de Hogan's Alley), que mostrava o cotidiano de um menino morador de um cortiço que vestia um camisolão amarelo e fazia comentários cômicos.

Outcault foi o primeiro a usar o recurso dos balões de diálogo para interagir com os leitores, o que para uma corrente de pesquisadores dos quadrinhos o identifica como o pai das histórias em quadrinhos. A utilização de diálogos por Outcault “fez *The Yellow Kid* se tornar a atração principal do quadrinho e do suplemento colorido do *Sunday World*” (MOREAU; MACHADO, 2020, p. 27). A popularidade das tiras do menino de amarelo aumentou as tiragens do jornal de Pulitzer, fato este que ocasionaria uma das maiores disputas de concorrência jornalística e editorial no fim do século XIX.

Na verdade, quando se analisa o cenário do jornalismo nos Estados Unidos durante o século XIX, com surgimento de agências de notícias, melhorias nas técnicas de impressão, compras e fusões de jornais populares e, posteriormente, o desenvolvimento de uma comunicação de massa, percebe-se que o sucesso dos jornais esteve, em grande parte, atrelado à popularidade dos quadrinhos.

Figura 1 – uma página de “The Yellow Kid” (New York Journal, 1898)



FONTE: Ficheiro Wikipédia⁵

A popularidade das tiras do Yellow Kid foi tanta que os jornais estadunidenses sensacionalistas do fim do século XIX receberam a pecha de fazer “jornalismo amarelo”, em referência ao personagem famoso pelo camisolão e sua influência em charges políticas.

Como ressalta Vergueiro, “o aparecimento das revistas em quadrinhos (...) durante a década de 1930 possibilitou a ampliação do meio em praticamente todos os países do mundo” (VERGUEIRO, 2005, p. 2). Para o professor e pesquisador de quadrinhos, Moacy Cirne, “os quadrinhos nasceram dentro do jornal – que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos” (apud LAMBERT, 2021, p. 14).

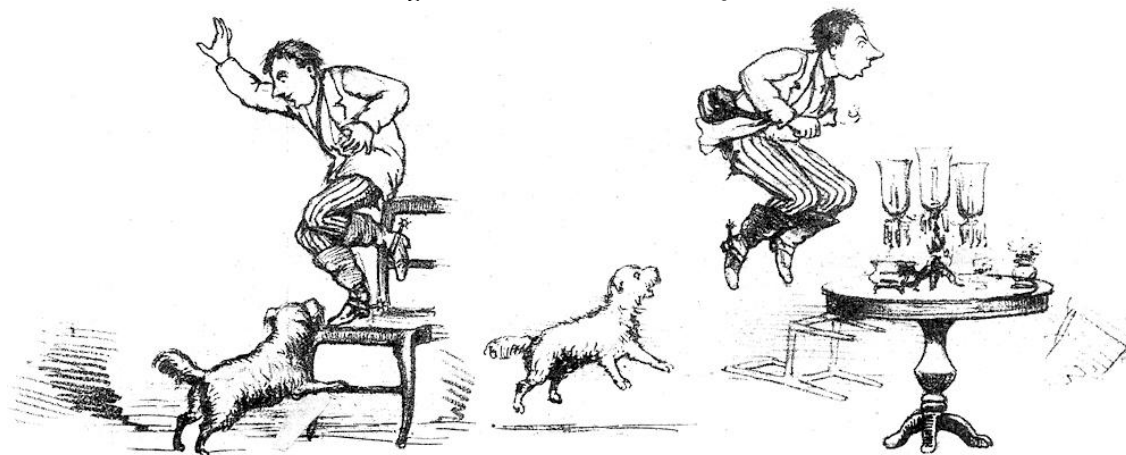
OS QUADRINHOS NO BRASIL

Se Töppffer contribuiu para o desenvolvimento da narrativa gráfica dos quadrinhos na Europa, e Outcault o fez nos EUA, no Brasil, o jornalista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini publicava suas tiras e charges satíricas. Em 1869, Agostini publicava “As Aventuras de Nhô-Quim”, no jornal *Vida Fluminense*, que eram tiras que mostravam as peripécias de um caipira na capital do Império e que chegou a ser considerada pelo renomado pesquisador brasileiro Antônio Cagnin como “a primeira graphic novel” brasileira por suas cenas “cinematográficas” (CAGNIN, 1996, p. 32). Agostini também publicaria na Revista Ilustrada, criada e editada por

⁵ Esta imagem provém do Wikimedia Commons, um acervo de conteúdo livre da Wikimedia Foundation que pode ser utilizado por outros projetos. https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Yellow_Kid_1898-01-09.jpg

ele mesmo, a série de histórias “Zé Caipora”. Por seu pioneirismo no país, ele é considerado o pai dos quadrinhos nacionais.

Figura 2 – Uma cena de Nhô-Quim



Procurou um refúgio, mas vendo que nem assim se livrava da sanha do diabo do totó,

pulou sobre a mesa, pondo tudo em estilhaços.

FONTE: [Um](#) blog em quadrinhos, 2011.⁶

Por conseguir superar as barreiras idiomática e cultural, os quadrinhos passaram de um objeto de entretenimento secundário para um meio com características próprias e com autonomia dos jornais. O amadurecimento do meio de histórias em quadrinhos se deu em paralelo ao desenvolvimento do próprio campo jornalístico. Aqui vemos, mais uma vez, que a junção texto-imagem produz efeitos sociais e simbólicos profundos, o que fez dos quadrinhos um meio de grande inserção na cultura de massas (VERGUEIRO, 2005).

DISTINÇÃO SEMÂNTICA: JORNALISMO EM OU DE QUADRINHOS?

Antes de aprofundarmos a discussão, é necessário que se faça uma distinção semântica, como aponta Augusto Paim (apud DANTON, 2022), entre Jornalismo *em* Quadrinhos, no qual há a hibridização entre a linguagem quadrinhística e a narrativa jornalística, de jornalismo *de* quadrinhos, que é o jornalismo especializado na produção e discussão sobre quadrinhos feito em matérias, reportagens e outros formatos. Para este

⁶ Disponível em: <https://quadrinhos.files.wordpress.com/2011/07/06-nhoquim-cao.jpg>

trabalho, focaremos no primeiro caso.

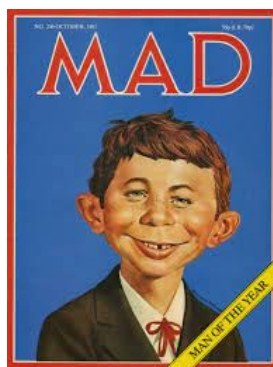
Esta diferenciação é importante pois um quadrinho sobre o personagem Clark Kent (Super-Homem), que é jornalista, não é jornalismo em quadrinhos. Mas uma matéria sobre a evolução da camisa amarela da seleção usando a linguagem dos quadrinhos é Jornalismo em Quadrinhos. Esse destaque é necessário para compreendermos mais adiante o impacto que a obra *Palestina*, de Joe Sacco, teve na relação entre jornalismo e quadrinhos.

QUADRINHOS UNDERGROUND

Durante a década de 1960, as intensas mudanças sociais provocadas pelo movimento da contracultura e a censura imposta aos quadrinhos nos Estados Unidos na década anterior criaram o ambiente propício para o surgimento dos quadrinhos *underground*, marcados pela subversão da narrativa super heróica convencional da época, com histórias satíricas e experimentações artísticas nos desenhos.

Autores como Robert Crumb, Harvey Pekar e Art Spiegelman seriam profundamente influenciados pela revista *Mad*, de Harvey Kurtzman, famosa por suas tiras de humor e sátiras políticas, que se aproximavam muito das colunas de opinião jornalísticas.

Figura 3: Capa da revista Mad, ed. 246 (1982)



FONTE: Site Revista New Yorker, 1982.⁷

Se nos anos 1950, editoras como a EC Comics publicavam histórias de fantasia e mistério, na década da contracultura e da eclosão de tensões sociais, as histórias assumiram um tom mais pessimista e antagônico ao sonho americano e ao governo.

O foco das histórias agora era o mundo real, em especial o mundo polarizado da

⁷ Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/culture-desk/a-world-without-mad-magazine>

Guerra Fria, dos costumes conservadores do pós-guerra e das leis de segregação étnica. Os quadrinhos *underground* não apenas questionaram o momento, mas adicionaram relatos pessoais às histórias, algo que seria depois uma marca do jornalismo em quadrinhos, a narrativa de não-ficção em primeira pessoa.

Como afirma o pesquisador Aristides Dutra, os quadrinhos *underground* desempenharam um papel duplo pois ampliaram o leque de ferramentas para lidar com os processos revolucionários e inverteram as normas vigentes ao trazer histórias mais realistas, cruéis e sujas (DUTRA, 2002, p. 8). Provas disso são Art Spiegelman e Joe Sacco, artistas que vieram desse movimento. Essa inquietação diante do *status quo* apresentada nos quadrinhos *underground* regou o solo em que o JHQ viria a florescer.

Logo em seguida aos quadrinhos *underground*, vieram os quadrinhos autobiográficos da década de 1970. Harvey Pekar, escritor estadunidense, criou a série *American Splendor*, um dos expoentes máximos do gênero. A série apresentava cenas do cotidiano de Harvey sendo documentadas por ele, como o “hábito de colecionar discos de vinil, um sonho angustiante, uma convocação para ser jurado” (DANTON, 2022, p. 24).

SURGEM AS GRAPHIC NOVELS

A década de 1970 não foi apenas um período de efervescência cultural e criativa para os quadrinhos, mas também um momento marcado pelo surgimento das *comic shops*, lojas especializadas em quadrinhos, que tinham um público consumidor de quadrinhos cada vez mais ávido por novidades do gênero, fossem de super heróis, terror ou os multitemáticos do cenário *underground* (BEZERRA, 2016, p. 25).

Como explica Rômulo Bezerra (2016, p. 26) a presença de um novo mercado mudou a estrutura da indústria dos quadrinhos. Agora, as editoras poderiam distribuir seus quadrinhos diretamente para o leitor, sem correr o risco de ter acúmulo de estoque e ter prejuízos, enquanto que os roteiristas, impulsionados pelo movimento de defesa dos direitos autorais do início da década, poderiam se dedicar a escrever obras com maior profundidade narrativa e experimentação técnica, indo aos limites da linguagem imagético-textual dos quadrinhos.

Foi nesse contexto de amadurecimento da linguagem e do leitor de quadrinhos que, em 1978, o lendário cartunista Will Eisner lançou a *graphic novel*, um formato de quadrinho mais luxuoso, *Um contrato com Deus*, uma ficção baseada nas suas experiências nos guetos judeus de Nova York no início do século XX. O termo *graphic novel*, ou romance gráfico,

popularizado por ele, indicava que essas eram histórias mais maduras, com maior tempo de produção e maior número de páginas, além de ter um cuidado literário maior, diferente das revistas mensais da época. Para Vinícius Barbosa da Silva, ao usar a expressão, Eisner queria trazer respeitabilidade ao meio dos quadrinhos ao tratar de “assuntos sérios” e de cunho social (apud DANTON, 2022, p. 47).

Como percebemos, a história recente dos quadrinhos é marcada por inovações estilísticas, diferentes usos de seus diversos gêneros narrativos por autores que tentaram explorar tudo o que o meio podia fornecer quanto à narrativa sequencial gráfica. E não somente no campo dos quadrinhos houve mudanças de paradigma, mas no jornalismo também. A aliança entre ambos, que vai constituir o momento inaugural do Jornalismo em História em Quadrinhos (JHQ) como gênero narrativo de relatos de realidades tem nome, sobrenome, ano e data.

JORNALISMO EM QUADRINHOS - JOE SACCO, O PIONEIRO

Quando falamos de JHQ, estamos falando de um novo gênero jornalístico, de um novo formato ou apenas de um novo modelo de prática jornalística? Para alguns (OLIVEIRA & PASSOS, s.d; NEGRI, 2003), o que Joe Sacco fez em *Palestina* foi sedimentar um novo gênero. Já para outros (PAIM apud DANTON, 2022; DUTRA, 2003; SOUZA JR, 2009), não passou de uma apropriação inteligente dos gêneros já estabelecidos do jornalismo para produzir uma obra em um novo formato, como quando se escreve uma matéria para tevê ou para a web. O autor poderia ter escolhido escrever não uma reportagem, mas uma entrevista, notícia ou resenha em quadrinhos. As possibilidades do jornalismo em quadrinhos são tão extensas quanto as do próprio jornalismo (DANTON, 2022).

Alguns elementos como a presença do escritor/desenhista como personagem da história, o tom opinativo e pessoal nos recordatórios⁸ e os diálogos decorrentes das entrevistas passaram a ser característicos das reportagens em quadrinhos de Joe Sacco, o que fomentou a definição de um campo teórico ao redor de suas obras (DUTRA, 2003).

⁸ Recordatórios são as caixas de textos que acompanham os quadrinhos. São também chamados apenas de texto, caixa de texto ou, ainda, legenda (Rogério Faria. HQ - <https://criandohqs.blogspot.com/2011/12/recordatorios-nos-quadrinhos.html>)

PALESTINA E O IMPACTO NO JORNALISMO E NOS QUADRINHOS

Durante os anos de 1991 e 1992, o jornalista maltês Joe Sacco fez viagens a Israel e aos territórios ocupados, colhendo informações, tomando notas em seu caderno e fazendo entrevistas. Ele analisou também a confiabilidade das notícias que recebia da região e seus conflitos pela imprensa ocidental, se eram verossímeis ou se a cobertura feita reforçava algum tipo de estereótipo étnico-cultural.

Tendo escrito HQs autobiográficas no começo de sua carreira, Sacco planejou que suas anotações resultassem em mais uma obra nesse formato. Ele afirma que, dessa forma poderia descrever suas "próprias experiências, uma espécie de relato quadrinizado" da sua viagem, onde ele "entrevistaria pessoas, anotaria os fatos e manteria um diário" (SACCO, 2021, p. 17).

O resultado, contudo, acabou não sendo um diário de viagem quadrinizado, e sim uma reportagem. A HQ *Palestina - uma nação ocupada*, publicada como minissérie em janeiro de 1993, foi seu primeiro trabalho em JHQ, formato que o tornou conhecido internacionalmente e que o legou a alcunha de "pai do jornalismo em quadrinhos". A obra foi um marco tanto para o campo do jornalismo quanto dos quadrinhos, porém seu impacto não se limitou a estas áreas.

Em 1996, Sacco ganhou o *American Book Award*, prestigioso prêmio literário, estreitando novamente os laços entre quadrinhos, jornalismo e literatura. Quando foi publicada no Brasil, em 2000, *Palestina* recebeu o troféu HQMix⁹ de melhor *graphic novel* estrangeira daquele ano.

A reportagem de Joe Sacco chama a atenção não pelos elementos que a compõem, mas sim pela combinação estilística utilizada para apresentá-la. Em seu livro, *Pequeno manual da reportagem em quadrinhos*, Augusto Paim esquematiza quais são as etapas do processo de construção de uma reportagem nesse formato. Para a HQ-reportagem (termo usado por ele), além da **pré-apuração**, **entrevista** e **decupagem**, característicos da reportagem convencional, é necessário que o roteiro tenha *storyboards*¹⁰ daquilo que será quadrinizado, ou seja, é o momento em que a narrativa textual também se torna gráfico-sequencial. Paim afirma que esse recurso "ajuda a avaliar se a interação entre textos e imagens está funcionando bem" (PAIM, 2023, p. 68)

⁹ Premiação focada nos quadrinhos publicados no Brasil.

¹⁰ Rascunhos de quadros desenhados em sequência cronológica para pré-visualizar o roteiro e o enquadramento das cenas do quadrinho.

A combinação entre narrativa jornalística e linguagem dos quadrinhos é bem percebida logo no primeiro capítulo de *Palestina*. Intitulado “Cairo”, o capítulo inicia com Joe Sacco no meio da cidade de Cairo, no Egito, em meio à confusão do trânsito do centro urbano. O modo escolhido por ele para retratar o caos do trânsito pode ser visto pela quantidade e disposição dos recordatórios, misturados aos inúmeros personagens presentes no quadro, que, do alto da página, despencam até serem entrecortados pelos balões de diálogos de dois personagens, dispostos do meio para baixo da página. Abaixo vemos Sacco, como um repórter, apresentando uma cena do cotidiano local e seus habitantes.

Figura 4: página de abertura do 1º capítulo de Palestina



FONTE: Digitalização do autor

Texto e imagem complementam-se mutuamente na figura acima, gerando no leitor uma sensação de confusão ao apresentar um grande quadro único repleto de informações entremeadas. De forma que Sacco não está apenas informando o leitor sobre essa cidade e seu dia a dia, mas também suscitando neste uma reação por meio de seu desenho (McCLOUD, 1995).

Se analisarmos apenas o aspecto literário da obra de Sacco, é possível encontrar paralelos com o conceito de “cena”, proposto pelo pesquisador de comunicação, Edvaldo Pereira Lima (2014). Para distinguir o jornalismo literário do estilo textual do jornalismo informativo convencional, com seu texto impessoal de caráter relatorial, Lima defende que no jornalismo literário o texto é marcado pela cena, que

tem uma natureza visual. Em lugar de contar [...] o que aconteceu, mostra. Mais do que simplesmente passar uma informação, a cena procura colocar o leitor dentro do acontecimento. Busca fazer com que o leitor viva um pouco [...] o que o repórter presenciou” (LIMA, 2014, p. 15).

Contudo, quando analisamos a forma híbrida do jornalismo em quadrinhos, esse tipo de análise com ênfase textual somente parece ignorar a característica particular da linguagem dos quadrinhos. O pesquisador Juscelino Neco de Souza Júnior defende que a estrutura formal da reportagem em quadrinhos a aproxima aos documentários audiovisuais (SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 50) devido à utilização de planos e enquadramentos dos quadros e a necessidade de ter um guia visual para o roteiro e que ao usar esses elementos, o quadrinho jornalístico se aproximaria da linguagem fílmica.

Isso apenas ressalta a multiplicidade de elementos que compõem a narrativa imagético-textual de uma obra de JHQ e sua produção de sentidos, em que a leitura de seus códigos pode ser feita de diferentes pontos de partida, quer sejam eles artísticos ou narrativos.

Percebemos em *Palestina* que, enquanto o repórter percorre as diferentes regiões de Jerusalém e dos territórios palestinos no decorrer do quadrinho, é possível percebermos que, embora assumindo um tom mais pessoal para a narrativa, Sacco não assume a posição de personagem-protagonista no enredo. O jornalista apresenta uma sensibilidade para com os personagens, sejam os entrevistados por ele ou transeuntes, e para com os pequenos aspectos do cotidiano local. Na linguagem dos quadrinhos, um quadro em silêncio vale mais que um parágrafo rebuscado. A voz de Sacco é deixar a Palestina e suas multivozes falarem.

Como destaca David Rieff (apud DUTRA, 2003), “a técnica de Sacco consiste em deixar [...] falar seus personagens, algumas vezes sobre as coisas mais triviais”. Em sua tese sobre a reportagem, a primeira publicada em periódicos no Brasil, Antônio Aristides Dutra aponta algumas das características principais dos trabalhos de Sacco presentes em *Palestina*.

Segundo Dutra, para criar suas histórias em quadrinhos, Joe Sacco escreve sua narrativa sempre em primeira pessoa, seguindo a tradição dos quadrinhos de não-ficção; seu

traço descuidado, caricatural, como se assumisse uma escrita rápida e íntima, “uma anotação de diário” (2003); o tom confessional, em que o repórter se mostra frágil, inseguro e em dúvida em alguns momentos da narrativa; e o uso das metáforas visuais dos quadrinhos, que, ao utilizar onomatopéias¹¹ sobre as imagens, Sacco as emprega como palavras dentro dos balões e caixas de texto ou legendas..

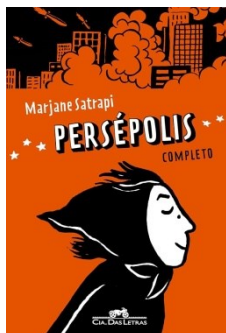
A combinação destes diferentes elementos compõe o “realismo humanista” do JHQ de Joe Sacco (DUTRA, 2003, p.34). A narrativa de Sacco não considera somente o processo de escrita no pré-planejamento da reportagem, mas a história como um todo é pensada considerando a multiplicidade de recursos gráfico-sequenciais. Esta é, segundo o autor, a grande contribuição de Joe Sacco para os campos dos quadrinhos e do jornalismo.

Antônio Dutra destaca que, enquanto no jornalismo convencional, as imagens são elementos secundários ao texto verbal, no jornalismo em quadrinhos, “há uma inversão dessa hierarquia, pois a gráfico-sequencialidade deixa de ser um adendo para tornar-se o suporte principal ao qual os outros recursos são acrescentados” (DUTRA, 2003, p. 146).

A partir da publicação de *Palestina*, essa nova forma de fazer jornalismo foi sendo explorada, e não demorou muito para que mais obras chegassem aqui traduzidas em terras brasileiras. Após sua publicação aqui em duas edições com o nome *Palestina: uma nação ocupada*, em 2004, outros livros nesse formato foram lançados, como: *Persépolis*, publicado em 2007, uma autobiografia em quadrinhos que conta a história da autora iraniana Marjane Satrapi antes e após a revolução islâmica; e *Berlim*, publicado em 2021, que apresenta a ascensão do nazismo nas diferentes camadas da sociedade alemã de 1930, do autor estadunidense Jason Luttet.

¹¹ Figura de linguagem que reproduz fonemas ou palavras que imitam os sons naturais, quer sejam de objetos, de pessoas ou de animais. (Wikipedia)

Figura 5: Capa de Persépolis



FONTE: Wikipédia¹²

Figura 6: Capa de Berlim



FONTE: Amazon¹³

O PANORAMA DO JHQ NO BRASIL

Já existem no país outros formatos narrativos da realidade em quadrinhos, como o livro *Almoço*, uma entrevista em quadrinhos com a jornalista Eliane Brum feita pelo jornalista Pablo Aguiar; a reportagem que reconta a história do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, *Um grande acordo nacional* de Robson Villalba; e o livro-reportagem *Cortabundas: o maníaco de José Walter*, do jornalista e desenhista Talles Rodrigues, que conta a história do indivíduo que invadia casas em Fortaleza nos anos 1980 para cortar as nádegas de vítimas mulheres.

Essa variedade de formatos em quadrinhos tem sido explorada no cenário jornalístico nacional, tanto no impresso quanto no digital, que permeiam do livro-reportagem à entrevista. Para Vinicius Barbosa da Silva, os trabalhos de Ângelo Agostini, ainda no século XIX, para a revista “O Cabrião” também podem ser considerados vanguarda em JHQ (apud DANTON, 2022, p. 16). Para o autor, Agostini foi também um pioneiro do Jornalismo em Quadrinhos: (...) "infelizmente seu trabalho ainda não tem o alcance de outros autores em pesquisas internacionais, mas é notável certa relação de seu trabalho quando se discute o jornalismo e os quadrinhos."

Essa variedade de obras em JHQ no cenário brasileiro, e seus diferentes meios para publicação, é um sinal do reconhecimento que esse formato tem tido. Prova disso foi o tradicional prêmio jornalístico Vladimir Herzog ter laureado a reportagem em quadrinhos “Três Mulheres da Craco”, da jornalista e quadrinhista Carol Ito, em 2022.

A reportagem, publicada na revista Piauí em janeiro daquele ano, narra a história de três mulheres que têm suas vidas interligadas pela Cracolândia, em São Paulo. A história é, além de sensivelmente informativa, graficamente bem desenhada. Como uma boa reportagem em quadrinhos deve ser.

¹² Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pers%C3%A9polis_\(banda_desenhada\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pers%C3%A9polis_(banda_desenhada))

¹³ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Berlim-Jason-Lutes/dp/8595710708>

REVISTA BADARÓ – JORNALISMO BRASILEIRO EM QUADRINHOS

Criada em 2019, a revista digital sul-mato-grossense, influenciada diretamente pelos trabalhos de Sacco e pela publicação estadunidense *The Nib*, surgiu com o objetivo de ser o primeiro veículo brasileiro independente focado na produção de jornalismo em quadrinhos.

A revista produz reportagens em diferentes editorias que cobrem política, esporte, comportamento, arte, entrevista, entre outros, além de contar com uma equipe de colunistas que também compõem a direção artística do projeto. Além do pioneirismo de ser uma publicação inteiramente voltada para o JHQ, apesar de já terem produzido matérias com colagens, a Badaró também busca explorar todos os gêneros jornalísticos tradicionais, como o editorial em quadrinhos, mostrando que é possível apresentá-los em outro formato.

Contudo, não basta somente fazer uma reportagem e depois transformá-la em quadrinho. É preciso que a obra seja pensada de antemão para o formato híbrido do JHQ, e esse é um processo demorado, segundo a ilustradora e quadrinhista Marina Duarte, integrante do grupo, o que justifica ter o nome de revista. Para ela, o tempo de produção não é de uma matéria diária, pois “as pautas não são tão quentes, tão factuais, mas são aprofundadas” (HUF, 2021).

A Revista, além de propiciar a publicação independente das reportagens, valoriza o processo coletivo de produção da pauta, como em uma redação tradicional, porém sem o *deadline*¹⁴ apertado e a pressão da publicação impressa, o que habilita os repórteres a explorar a linguagem do quadrinho. Esse cuidado e arrojo para com os métodos jornalísticos é parte das diretrizes da revista, que acredita no “potencial artístico do jornalismo e no potencial jornalístico da arte” (BADARÓ, 2021).

Apesar de ter um acervo com conteúdo editorial diversificado, a Revista Badaró mantém uma predominância por reportagens em quadrinhos, e são estas que mais apresentam os elementos da linguagem quadrinhística formatando o texto jornalístico. Na reportagem “Talibã e EUA: um caso de amor mal resolvido”, publicada no dia 11/09/2021, é possível perceber o uso de bastantes recordatórios para contar a história da relação entre o grupo islâmico Talibã e o governo norte-americano.

¹⁴ Termo utilizado na área jornalística para indicar o prazo limite para a finalização dos processos de produção de notícia.

O recurso oferece uma visão mais impessoal para a narrativa, fazendo com que a factualidade jornalística se sobressaia bem mais que a opinião do jornalista. Há na reportagem poucos balões de diálogos, contudo, apesar da pouca quantidade, apresentam finalidades narrativas diversas: são usados para dar voz a um personagem, para emitir alguma opinião ou para fazer um juízo de valor.

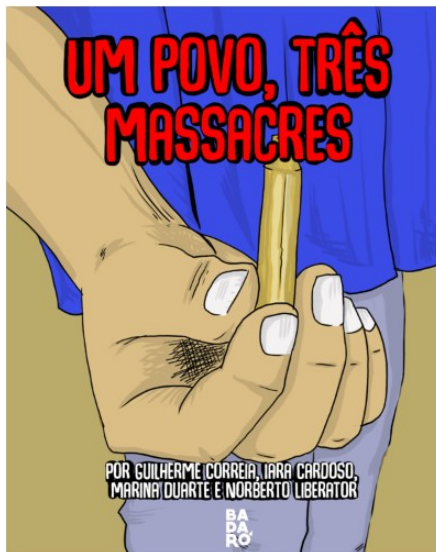
É importante salientar que na reportagem em questão prevalece o tom impessoal do texto sobre a arte, e que, embora não haja uma narrativa gráfica sequencial como vemos nas obras de Sacco, há a utilização da linguagem gráfica para expandir aquilo que está sendo narrado, seja por meio de expressão facial de um personagem ou a ambientação de um local no qual o texto não mostra detalhes. A imagem é capaz de causar sentimentos que o texto pode não alcançar no leitor.

Figura 7: Capa de reportagem publicada no site da revista



FONTE: Revista Badaró, 2021.

Figura 8: Capa de reportagem publicada no site da revista



FONTE: Revista Badaró, 2022.

Na reportagem “Um povo, três massacres”, publicada em 30/06/2022, vemos novamente uma predominância de uso de recordatórios na construção da reportagem sobre o massacre das comunidades guarani-kaiowá por milícias no Mato Grosso do Sul. Nesta reportagem, os balões de diálogos são usados somente para dar voz aos personagens entrevistados, limitando a sua utilização a somente um dos recursos da atividade jornalística.

Apesar da ainda pequena utilização do hibridismo característico do jornalismo em quadrinhos em suas obras, salientamos que o esforço da Revista Badaró em aliar os processos de preparação da reportagem à forma visual dos quadrinhos é de extrema importância para a contínua ampliação do formato no cenário jornalístico nacional.

FIGURA 9: Trecho de entrevista publicada no site da revista



FONTE: Revista Badaró, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas três décadas, o impacto dos trabalhos de Joe Sacco foi sentido nos campos do jornalismo e dos quadrinhos. O estilo narrativo de Sacco ao contar a história, inserindo-se como um personagem-observador, e seu estilo de desenho caricatural tem servido como norte na hora de produzir uma reportagem em quadrinhos.

Quando se trata de uma reportagem em JHQ, forma e conteúdo precisam ser igualmente valorizados, pois é preciso que o produto seja legível enquanto quadrinho, e que, simultaneamente, se apresente suficientemente apurado e informativo como reportagem, afirma Augusto Paim (2023, p. 66).

Destacamos que, por seu caráter mais aprofundado, as reportagens precisam ser boas histórias. Com a reportagem em quadrinhos isso não será diferente. Deverá seguir o mesmo rigor jornalístico, aliando o bom texto e apuração ao recurso gráfico, que, ao longo da história, se mostra tão eficaz em se comunicar com os leitores e suscitar neles sentimento.

Desde os trabalhos de Ângelo Agostini, no século XIX, até as publicações da Revista Badaró, no século XXI, o que se percebe no horizonte do jornalismo é sua capacidade de se adequar às novas mídias e aos novos formatos que surgem à medida que o tempo impõe alguma necessidade informacional nova. O fazer jornalístico é elástico o suficiente para englobar diferentes métodos e apresentações das narrativas, textuais e gráficas, do jornalismo.

E essa é a responsabilidade do repórter-quadrinhista, no que tange à produção em JHQ: fazer

reportagens que funcionem neste formato, na dupla legibilidade de ter suas metáforas de texto e imagem percebidas e apreciadas. Acreditamos ter mostrado, com este artigo que, desde o século passado, esse ‘novo’ formato jornalístico tem se mostrado possível e eficaz.

REFERÊNCIAS

BADARÓ, Revista. **Revista Badaró: quem somos**. 25 Fev. 2019. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2019-02-25-quem-somos/> Acesso em: 01 Set. 2023.

_____. **O Manifesto**. 11 Set. 2019. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2019/09/11/o-manifesto/> Acesso em: 02 Dez. 2023.

_____. **EUA e Talibã: um caso de amor mal resolvido**. 11 Set. 2021. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2021/09/11/eua-e-taliba-um-caso-de-amor-mal-resolvido/> Acesso em: 01 Set. 2023

_____. **Um povo, três massacres**. 30 Jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2022/06/30/um-povo-tres-massacres/> Acesso em: 01 Set. 2023.

BEZERRA, Rômulo. **Entre a convenção e o deslocamento: Uma análise do realismo em *Watchmen***. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo - São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-25082016-130453/pt-br.php> Acesso em: 29 Nov. 2023

CAGNIN, Antônio Luis. **Yellow Kid, o moleque que não era amarelo**. *Comunicação & Educação*, (7), 1996, 26-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36261> Acesso em: 10 Nov. 2023.

_____. **Yellow Kid**. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 171: 26 a 33, set./dez. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/36261/38981> Acesso em: 30 Out. 2023.

DANTON, Gian. **Jornalismo em quadrinhos**. Série Quiosque, Paraíba, vol. 62. 76p. 2022. Edição Digital. Disponível em: <https://marcadefantasia.com/livros/quiosque/jornalismoemquadrinhos/jornalismoemquadrinhos.html> Acesso em: 25 jun. 2023

_____. **Como escrever quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa; DEBOM, Paulo. **Anotações para uma cartografia dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos**. *Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo*,

8(1), 1–26, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/18015> Acesso em: 15 Set. 2023

_____. **Jornalismo em quadrinhos: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros autores.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2003. x, 149p. il. Disponível em:

https://www.academia.edu/34450628/Jornalismo_em_quadrinhos_a_linguagem_quadrin%C3%ADstica_a_como_suporte_para_reportagens_na_obra_de_Joe_Sacco_e_outros_autores Acesso em: 15 fev. 2023.

_____. **Quadrinhos e jornal: uma correspondência biunívoca.** in. Anais do Encontro, 2003. Disponível em: <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-1o-encontro-2003/> Acesso em: 13 Nov. 2023

_____. **Três camadas da relação entre quadrinhos e jornal.** 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/19934797/Tr%C3%AAs_camadas_da_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_quadrinhos_e_jornal Acesso em: 20 Out. 2023.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista.** Trad: Luís Carlos Borges, Alexandre Boid.- 4ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FONSECA, Joaquim. **The Yellow Kid: o garoto da camisola amarela.** Bibliotecon. & Comun., Porto Alegre, v. 5, p. 7-25, jan./dez., 1990. Disponível em: <https://cedap.ufrgs.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11959/134/v5a1.pdf;jsessionid=AAFF276F02633C1E219FA7B909493ACA?sequence=2> Acesso em: 30 out. 2023.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em Quadrinhos: território de linguagens.** 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-0894-1.pdf> Acesso em: 29 Nov. 2023.

HUF, Natália. **Jornalismo independente, coletivo e de oposição.** Jornalismo e História. 12 Nov. 2021. Disponível em: <https://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2021/11/12/jornalismo-independente-coletivo-e-de-oposicao/> Acesso em: 01 Set. 2023.

LAMBERT, Kenji Lucas. **De Yellow kid a Criança amarela: o quadrinho independente no combate ao racismo asiático.** TCC. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/4bdce5f5-9089-4d29-b3e4-36ff0f88730c/tc4740-Kenji-Lambert-Yellow.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** Trad: Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MEDEIROS, Eduardo Luís; GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em quadrinhos como novo gênero jornalístico: um estudo do JHQ na Revista Fórum**. Disponível em: <https://revista.unemat.br/avepalavra/EDICOES/Esp1112/artigos/medeirosgomes.pdf> Acesso em: 02 ago. 2023.

MOREAU, Diego; MACHADO, Laluña. **História dos quadrinhos: EUA**. São José: Skript, 2020.

NEGRI, Ana. **Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco**. Belo Horizonte, 2003. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/124729214771598119714261556117960349643.pdf>

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; PASSOS, Mateus Yuri. **Joe Sacco: Jornalismo Literário em Quadrinhos**. São Paulo, [s.d]. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1126-2.pdf> Acesso em: 08 Set. 2023.

PAIM, Augusto. **Pequeno manual de reportagem em quadrinhos**. 1ª ed., Porto Alegre, 2023.

PORTO, Bruno de; OLIVEIRA, Selma Regina. **Do Superman ao Super-Homem: a trajetória da revista em quadrinhos de super-herói no Brasil no século XX**. IV Jornadas Internacionais das Histórias Em Quadrinhos, 2017, Brasília. Disponível em:

https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais4asjornadas/q_mercado/bruno_porto_e_selma_regina.pdf

Acesso em: 04 nov. 2023.

SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo: Veneta, 2021.

SILVEIRA, Mauro César; HUF, Natália. **Jornalismo em quadrinhos e construção de memória: sobre Joe Sacco e credibilidade da narrativa sequencial**. Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, ed. 2118031, p.1-13, 2021. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/18013/209209214357>. Acesso em: 30 out. 2023.

SOUZA JÚNIOR, Juscelino Neco de. **Imagem, narrativa e discurso da reportagem em quadrinhos de Joe Sacco** dissertação - Florianópolis, SC, 2010. 158 p.: il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Disponível em: <https://www.tede.ufsc.br/teses/PJOR0011-D.pdf> Acesso em: 30 out. 2023

_____. **A linguagem dos quadrinhos e o jornalismo**. 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-1227-1.pdf> Acesso em: 02 nov. 2023

VERGUEIRO, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, v. 6, n. 2, 2005. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_c94ba9dea2_0011604.pdf Acesso em: 21 out. 2023.